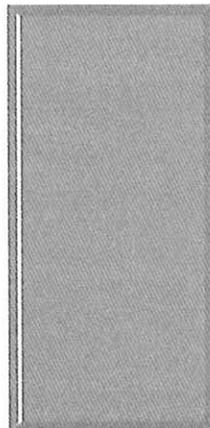


(\*) Luiz Fernando Gomes

*Jesuítas e indígenas como professores e aprendizes de segunda língua*

(\*) Luiz Fernando Gomes. Mestre em Lingüística Aplicada pela PUC/SP. Professor de Lingüística Aplicada e Inglês Instrumental na Universidade de Sorocaba - Uniso.



## RESUMO

Pensando nos primeiros contatos entre portugueses e índios que no Brasil viviam, este artigo pretende fazer alguns comentários especulativos, sob o ponto de vista da Lingüística Aplicada, de como pode ter sido o relacionamento entre os interlocutores brancos e índios, principalmente naqueles envolvendo a catequese e a aprendizagem de segunda língua, tanto por parte do índio quanto do branco. Tomarei como subsídio para os comentários, informações extraídas dos livros: *Casa Grande & Senzala* de Gilberto Freyre, *Sermões e Cartas do Padre Antônio Vieira* comentadas por Ivan Lins e o ensaio de Mecenas Dourado sobre o *Diálogo da Conversão do Gentio*, do Padre Manuel da Nóbrega, e idéias correntes da Lingüística Aplicada, sobre a aprendizagem de segunda língua.

## ABSTRACT

*Thinking on the initial contacts between Portuguese and native Indian living in Brazil, this article intends to make some speculative comments under the Applied Linguistics point of view, about how it might have been the relationship between White and Indian interlocutors, specially those involving catechesis and second language learning by the Indian and the White. I will be taking as subsidy for the comments, information from: Casa Grande & Senzala by Gilberto Freyre, Sermões e Cartas do Padre Antônio Vieira edition commented by Ivan Lins, and the essay by Mecenas Dourado upon Diálogo da Conversão do Gentio, by Priest Manuel da Nóbrega as well as current ideas from Applied Linguistics about second language learning.*

Em 1549, juntamente com o primeiro Governador Geral, Tomé de Souza, chegaram os seis primeiros jesuítas. Eles fundaram escolas para os gentios, espalhando-se pelo território brasileiro com o objetivo de através da língua portuguesa e da fé cristã, “atualizar as capacidades da pessoa e salvar sua alma”. Como afirma Mecenas Dourado em seu ensaio crítico sobre a obra *Diálogo da Conversão do Gentio* escrita pelo Pe. Manuel da Nóbrega em meados do século XVI, “das três fases do ministério jesuítico no Brasil, nos primeiros séculos — catequese, batismo e conversão — só a primeira e a segunda foram realizadas e, ainda assim, imperfeitamente a terceira é suposta seguir-se, forçosamente, como conseqüência lógica das duas primeiras. Dão-na como implicitamente resolvida”. Lembra ainda o autor que catequizar não significa converter e que os padres não puderam incorporar o índio, pela religião, à civilização portuguesa colonizadora, conseguiu-se a “domesticação imperfeita de um homem cujo gênero de vida e civilização eram profundamente diferentes da civilização colonizadora. E dessa diferença de meio social e, conseqüentemente, de mentalidade, surgiram os choques, as contradições, as irredutibilidades que resultaram na exterminação gradual do aborígene, ou sua migração para o sertão longínquo”.

Vale comentar o fato de que os termos usados por Mecenas Dourado: mentalidade, o meio social e as contradições são construtos permeados pela língua e que talvez a aludida irredutibilidade possa estar relacionada a falhas de comunicação, que não podiam ser resolvidas através da aprendizagem apenas da gramática e do léxico do Tupi, por parte dos jesuítas e do Português, por parte dos índios. A comunicação certamente, do ponto de vista lingüístico extrapola os limites gramaticais e lexicais. Vale lembrar também que ambas as partes estiveram, por força das circunstâncias, então, envolvidas com a aprendizagem de uma segunda língua, o que sugere questões como acultramento e sujeição pela palavra, fatores intrinsecamente relacionados à aprendizagem de uma língua estrangeira.

## 1. Jesuítas aprendizes de segunda língua

Diz-nos Gilberto Freyre em seu livro *Casa Grande & Senzala*, que “o padre serviu-se do culumim para recolher de sua boca o material com que formou a língua tupi-guarani - o instrumento mais poderoso de intercomunicação entre as duas culturas: a do invasor e a da raça conquistada,

não somente como intercomunicação moral como comercial e material. Língua que seria, com toda sua artificialidade, uma das bases mais sólidas da unidade do Brasil. Continua Freyre, dizendo que “foi a língua, essa que se formou da colaboração do culumim com o padre, das primeiras relações sociais e de comércio entre as duas raças, podendo-se afirmar do povo invasor que adotou para o gasto ou uso corrente a fala do povo conquistado, reservando a sua para uso restrito e oficial.” É interessante notar que o português como língua oficial foi sobrepujando o tupi e tornando-se também língua popular, porém, perdendo algumas de suas características e ainda segundo Freyre, quase “infantilizando-se em fala de menino”, na medida que foi influenciado pelo contato jesuítico com os culumins. Nos dizeres do Pe. Anchieta “no mesmo tempo era Mestre & era discípulo”.

Entretanto, a aprendizagem de uma segunda língua não é um processo fácil, como nos revela o Pe. Antônio Vieira “nós que imos buscar, somos os que lhes havemos de estudar e saber a língua. E quanta dificuldade e trabalho seja haver de aprender um europeu, não com mestres e com livros como os Magos, mas sem livro, sem mestre, sem princípio, e sem documento algum, não uma senão muitas línguas bárbaras, incultas e hórridas: só quem o padece, e Deus por quem se padece sabe”. Está aí Vieira a reclamar da aprendizagem por “imersão” e de maneira indutiva, onde as regras da língua não são explicitadas pelos falantes interlocutores, mas devem ser abstraídas pelo contexto, com todas as dificuldades e incertezas que possam ocorrer. Operação talvez dificultada ainda mais para um aprendiz visual como Vieira nos parece, ou seja, que aprende preferencialmente através da leitura e de esquemas gráficos, forçado a aprender de modo auditivo, talvez sem ter como “tomar nota”.

Neste sentido, revela Vieira “por vezes me aconteceu de estar com o ouvido aplicado à boca do bárbaro, e ainda do intérprete, sem poder distinguir as sílabas, nem perceber as vogais, ou consoantes de que se formavam, equivocando-se a mesma letra em duas ou três semelhantes, ou compondo-se (o que é mais certo) com mistura de todas elas: umas tão delgadas e sutis, outras tão duras e escabrosas, outras tão interiores e escuras, e mais afogadas na garganta, que pronunciadas na língua: outras tão curtas e súbitas, outras tão estendidas e multiplicadas, que não se percebem os ouvidos mais que a confusão, sendo certo em todo rigor, que as tais línguas não se ouvem, pois se não ouve delas mais que o somido, e não palavras articuladas e humanas...” Imagina-se por essa descrição quão penosa foi a comunicação entre brancos e índios principalmente nos primeiros tem-

pos, o que torna difícil pensar em entendimento e negociação de significados entre os interlocutores.

Em tais circunstâncias seria plausível talvez, pensar em pidginização, ao menos nos contatos iniciais. O pidgin é uma língua de contato desenvolvida quando pessoas de línguas diferentes tentam se comunicar de forma regular, como foram os contatos entre portugueses e índios. Normalmente, o pidgin tem um vocabulário limitado e uma estrutura gramatical reduzida, que podem ser desenvolvidos se usados por um longo período. Infelizmente creio não haver registro sobre possíveis formas de pidginização do português nesta fase.

Padre Vieira sugere um método para a aprendizagem da língua em tais circunstâncias: “é necessário tomar o bárbaro à parte e estar e instar com ele muito só, por só, e muitas horas e muitos dias; é necessário trabalhar com os dedos, escrevendo, apontando e interpretando por acenos o que não se pode alcançar das palavras; é necessário trabalhar com a língua dobrando-a e torcendo-a, e dando-lhe mil voltas para que chegue a pronunciar os acentos tão duros e tão estranhos; é necessário levantar os olhos ao céu, uma e muitas vezes com a oração, e outras quase com desesperação, é necessário, finalmente, gemer, e gemer com toda a alma, gemer com o entendimento, porque em tanta escuridade não vê saída; gemer com a memória, porque em tanta variedade não acha firmeza; e gemer até com a vontade, por constante que seja, porque no aperto de tantas dificuldades, desfalece e quase desmaia...”

Através de sua linguagem pitoresca, Vieira nos revela as auguras por que passa um aprendiz de segunda língua, mesmo em nossos dias. Ele sugere - devido à sua preferência pela aprendizagem visual e dedutiva - “recrutar” o indígena como um professor particular e “aprender escrevendo”. Conforme mencionado acima, a comunicação extrapola a gramática e o léxico, ela utiliza elementos paralingüísticos, tais como gestos, movimentos corporais e mímicas, como facilitadores e partes constituintes da conversação. Na verdade, a Análise da Conversação, preocupa-se com a especificação dos conhecimentos lingüísticos, paralingüísticos e sócio-culturais que devem ser partilhados para que a interação seja bem-sucedida. Isto inclui a pausa, o silêncio, a tomada de turnos e as (auto)correções. Esses elementos começaram a ser estudados nos anos 70 e imagino o que Vieira diria se soubesse que teria que aprender também isto! O padre-aprendiz ainda toca em dois pontos relevantes na aprendizagem de segunda língua: a questão do treino para o domínio dos hábitos articulatórios, a fim de

obter uma pronúncia próxima da do nativo. Diz-se próxima, porque as evidências apontam para o aprendiz tardio, poucas chances de falar como um nativo. Convém ressaltar que a pronúncia está relacionada à compreensão oral; quem pronuncia errado dificilmente compreenderá ou reconhecerá a palavra quando pronunciada corretamente (Gilbert, 1994). O outro ponto é a questão da motivação. Rubin (1975) fala em três fatores que conduzem à aprendizagem da segunda língua com sucesso: aptidão, motivação e oportunidade. Muitas vezes o ponto crucial do insucesso está relacionado à motivação. Observe-se o esforço de Vieira para manter-se motivado. Finalmente, mas um detalhe, o desenvolvimento da memória como uma aliada insubstituível.

Ainda sobre seu “método” de aprendizagem, Vieira nos orienta: “o primeiro trabalho é ouvir a língua; o segundo é percebê-la; o terceiro reduzi-la a gramática e a preceitos; o quarto estudá-la; o quinto (e não menor, que obrigou a São Jerônimo a limar os dentes) o pronunciá-la. E depois de todos estes trabalhos ainda não começastes a trabalhar, porque são disposições somente para o trabalho”. Ele continua dizendo que Santo Agostinho, “a águia dos entendimentos humanos” declinou de aprender grego, que é uma língua onde há professores, livros, vocabulários e “todos os outros instrumentos de aprender, que serão as línguas bárbaras e barbaríssimas de umas gentes onde nunca houve quem soubesse ler, nem escrever?” Para se ter uma idéia da dificuldade de aprendizagem de uma língua por “imersão” e “sem mestre” sentida por Vieira e quiçá pelos demais jesuítas, transcrevo mais um trecho de seu comentário: “Que será aprender o nheengaíba, o juruuna, o tapajó, o teremembé, o mamaianá, que só os nomes parece que fazem horror? As letras dos chinas e dos japões muita dificuldade têm, porque são letras hieroglíficas, como a dos egípcios; mas enfim é aprender a língua de gente política, e estudar por letra e papel”. Talvez este seja um bom argumento para esclarecer aos nossos alunos quando afirmam (sem nunca ter estado lá) que inglês não se aprende na escola e que o melhor é morar num país anglofônico, porque a necessidade leva à aprendizagem. Não há dúvida que um maior contato - especialmente oral - com a língua é um fator motivador e que a necessidade concorre para a aprendizagem, mas há que se lembrar que um contato aleatório, ocasional, em situações muitas vezes não controladas pelo aprendiz, pode gerar incertezas, insegurança e muitas dúvidas; por outro lado, as necessidades percebidas pelo aprendiz em tal situação podem não ser as suas reais necessidades (Gomes, 1997), como aliás pode-se observar nas palavras do padre Antônio

Vieira. Como já foi dito, Vieira parecia possuir as características de um aprendiz visual e dedutivo, mas para um aprendiz de um outro estilo cognitivo, auditivo ou cinestésico, mais indutivo, provavelmente não haveria necessidade de seguir os cinco passos mencionados por ele, sem sequer, na mesma ordem.

Existiram sérias dificuldades de comunicação entre índios e jesuítas, que chegaram a causar problemas, como as divergências entre Nóbrega e o bispo D. Pedro Fernandes Sardinha. Conforme nos informa Mecenas Dourado, os desentendimentos diziam respeito ao sacramento da confissão “que era feita por Nóbrega e pelos que não sabiam a língua geral por intérpretes”. O bispo apresentando argumentos canônicos proibiu a confissão via intérprete. Em nota de rodapé, o autor menciona que essa mesma dificuldade se ofereceu a S. Francisco Xavier no Japão, onde dificuldades semelhantes ocorreram inclusive devido a equívocos lingüísticos.

Aliás, à dificuldade na aprendizagem da língua indígena em situações particulares, individuais, como nos revela Antônio Vieira, acrescentam-se problemas mais “estruturais” que segundo Mecenas Dourado foram contornados ou foi resolvido mal-resolvidos pelos jesuítas.” Foram dois os problemas mais graves: (1) a incapacidade da tradução para a língua do gentio, dos termos e expressões do pensamento cristão, tais como: *alma*, *causa*, *imortalidade*, etc. e a dificuldade em verbalizar esses conceitos. (2) “O aldeamento e conseqüente isolamento dos indígenas não facilitava ao indígena o aprendizado da língua dos catequistas”. A situação chegou ao ponto de a língua dos colonizados estar prestes a absorver a dos conquistadores, mais civilizados, havendo a necessidade, no século XVIII, de providências legais proibindo que se falasse a língua geral, nos informa o autor, o que não impediu que os sertanejos que saíam do litoral para fazerem descobrimentos designassem as novas descobertas em tupi.

## 2. Jesuítas professores de língua estrangeira

Como vimos acima, existiam sérias dificuldades para a aprendizagem pelos jesuítas, da língua do gentio, que ocasionavam problemas de relacionamento. Diante dessas dificuldades de relacionamento (permeado pela linguagem) entre os jesuítas e os índios adultos, os padres focalizaram sua atenção nos culumins, “arranca-os ainda verdes à vida selvagem: com dentes apenas de leite...”. “O processo civilizador dos jesuítas - nos lembra

Gilberto Freyre - consistiu principalmente nesta inversão: no filho educar o pai; no menino servir de exemplo ao homem; na criança trazer ao caminho do Senhor e dos europeus a gente grande". Essa estratégia pode ser melhor compreendida hoje em dia, com relação à aprendizagem de uma língua estrangeira, à luz das idéias de Krashen (1977) levanta a hipótese de um filtro afetivo, que seria mais ou menos permeável à cultura do povo cuja língua se pretende aprender, facilitando ou até mesmo impedindo a aprendizagem, em caso de uma recusa ou aversão à dita cultura. Como sabemos, a situação era de imposição e sujeição, o que pode ter elevado o filtro afetivo e contribuído para a não-aprendizagem. Por outro lado, é provável ainda, que os culumins com dentes de leite, não tivessem o filtro afetivo elevado e ainda não tivessem aprendido sua língua nativa, tendo sido o português, portanto, sua primeira língua. Sabemos que nenhuma pessoa deixa de aprender sua língua materna (já na segunda língua o sucesso não é uma certeza), conforme aponta Rubin (1975), o que facilitou sobremaneira a "infiltração" do português como língua materna, nas aldeias.

Uma suposição de Anchieta, mencionada por Mecenas Dourado, muito comum entre alguns professores de língua estrangeira ainda hoje, principalmente aqueles que trabalham com crianças ou iniciantes na aprendizagem da segunda língua, mostrou-se inadequada quanto ao ensino. Supunha ele que como os gentios eram ateus, "e como nada adoram, facilmente crêem o que se lhes diz que hão de crer"... que "são *tanquam tabula rasa* para imprimir-se-lhes todo o bem." Bem cedo os padres perceberam que a facilidade com que os índios aceitavam, aparentemente, o que se lhes inculcava, era conseqüência da sua incapacidade mental em assimilar as novas idéias. Porém, abandonavam do dia para a noite o que parecia terem aprendido; na verdade, nada abandonavam, pois na realidade, nada haviam internalizado, afigurando-se o silêncio, a falta de discussão e falta de polêmica como sinais de compreensão. Estão aí as idéias construtivistas prévio do aluno (ninguém é uma *tábula rasa*) onde o conhecimento do aluno é trazido para dentro da sala de aula, e a abordagem psicolinguística chamada "top-down", onde o conhecimento prévio é utilizado para o processamento da informação recebida mostrando quão equivocada estava a idéia de Anchieta.

Os culumins tornaram-se mestres dos próprios pais (vinda através filhos, a língua do colonizador era "mais aceitável"), como afirma Gilberto Freyre, dos seus maiores, da sua gente. Ele cita o Pe. Simão de Vasconcelos,

quando menciona o hábito dos primeiros culumins internados em colégios dos jesuítas: “Espalhavam-se a noite pellas cazas de seus parentes a cantar as cantigas pias de Ioseph em sua própria língua contrapostas às que eles costumavão cantar vãs & gentílicas; & vinham a ser Mestres os que ainda eram discípulos [...]”. Conclui ele que: “o culumim tornou-se o cúmplice do invasor na obra de tirar à cultura nativa osso por osso, para melhor assimilação da parte mole aos padrões de moral católica e de vida européia...”.

Varhagen dá o colégio estabelecido por Nóbrega na Bahia, como frequentado por filhos de colonos, meninos órfãos vindos de Lisboa e piás da terra. Isso leva Freyre a supor que “a vida nos colégios dos padres fosse um processo de co-educação das duas raças - a conquistadora e a conquistada: um processo de reciprocidade cultural entre os filhos da terra e os meninos do reino”.

Entretanto, apesar dos esforços e auguras, a catequese faliu. Dentre as causas da falência da catequese, segundo Mateus Nogueira (interlocutor no *Diálogo da Conversão do Gêntio*), citado por Mecenas Dourado, era o pouco preparo espiritual dos obreiros encarregados da missão: “há de ter muita fé, confiando muito em Deus, e desconfiando muito de si, **há de ter graça de falar mui bem a língua...**” Nogueira ainda lembra o caso de São Tiago que apesar de saber bem a língua e fazer milagres, não converteu mais que nove discípulos e arremata: “e vós quereis, e os padres, sem fazer milagres, sem saber sua língua, nem entender-se com eles (sabe-se que Nóbrega não dominava a língua indígena)... que sejam logo bons cristãos”.

Para nós, da Lingüística Aplicada, sobra talvez uma idéia da origem de muitas concepções de ensino e de aprendizagem de segunda língua que tanto alunos quanto professores trazem para dentro da sala de aula. Essas concepções não possuem, muitas vezes, um respaldo teórico, ou já foram de há muito abandonadas, mas continuam a interferir no processo pedagógico.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. DOURADO, Mecenas. *Diálogo da conversão do gentio do Pe. Manuel da Nóbrega*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1988.
2. FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala*. São Paulo: Círculo do Livro, 1986.

3. GILBERT, Judith. B. **Clear speech. teacher's resource book**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
4. GOMES, L. F. A evolução da utilização da análise de necessidades no ensino do inglês como segunda língua. In: CELANI, M. A. A. (org.). **Ensino de segunda língua: redescobrimdo as origens**. São Paulo: Educ, 1997.
5. KRASHEN, S. D. **The input hypothesis. Issues and implications**. Harlow: Longman, 1985.
6. LINS, Ivan. **Sermões e cartas do Padre Antônio Vieira**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1988.
7. RUBIN, Joan. What the "good language learner" can teach us. **Tesol Quarterly**, 1975 (9), p. 41-51.